

UM CONVITE AO DESVIO: INTERVENÇÃO URBANA, TEMPO E RESISTÊNCIAS NA SOCIEDADE DO CANSAÇO.

Olivia Godoy Collares

Sophia Hiriart Porto Alegre

Resumo: O artigo analisa a série de lambes *Um convite ao desvio* (2024), espalhada pelo espaço urbano como intervenção artística que provoca reflexões sobre tempo, descanso e experiência da cidade. A partir de autores como Ailton Krenak e Byung-Chul Han, discute-se como o produtivismo capitalista produz cansaço e desconexão. A pesquisa articula prática artística e reflexão crítica para propor pequenas rupturas no cotidiano urbano.

Palavras-chave: Intervenção urbana. Arte contemporânea. Cansaço. Tempo. Cidade.

AN INVITATION TO DEVIATION: URBAN INTERVENTION, TIME AND RESISTANCES IN THE SOCIETY OF FATIGUE.

Abstract: This article analyzes the series of posters *An Invitation to deviation* (2024), installed in the urban space as an artistic intervention that provokes reflections on time, rest and the experience of the city. Drawing on authors such as Ailton Krenak and Byung-Chul Han, it discusses how capitalist productivism generates exhaustion and disconnection. The research articulates artistic practice and critical reflection to propose small ruptures in everyday urban life.

Keywords: Urban intervention. Contemporary art. Fatigue. Time. City.

O que é o *desvio* no campo da arte? O conceito do *desvio* foi amplamente discutido pelo Grupo Internacional Situacionista (IS), fundado em 1957. O grupo surgiu a partir de movimentos de vanguarda e buscava a criação de situações, proposições e deslocamentos que denunciassem a sociedade do consumo capitalista. Segundo Laura Fonseca de Castro, o *desvio*,

tradução para o português do termo francês *détournement*, é a prática situacionista que pretende ultrapassar a tradição da arte por meio da realização e da experimentação estética como ação política. O termo se refere ao modo não convencional de usar elementos pré-fabricados, através da crítica de sua estrutura material e simbólica por meio da construção de situações, com o objetivo de associar o prazer estético ao cotidiano e, assim, ampliar as possibilidades e modos de vida coletivos (Castro, 2022, p. 5).

Conforme o livro *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade* (2003), de autoria da arquiteta, urbanista e docente brasileira Paola Jacques, o pensamento situacionista sobre a cidade ainda ressoa na contemporaneidade. A crítica situacionista permanece relevante, principalmente ao criticar a espetacularização urbana, fenômeno que começou a se consolidar na Europa nos anos 1950-1960. Os situacionistas também denunciaram a alienação e passividade resultantes desse processo, destacando a importância da participação ativa na vida social e cultural urbana.

Ainda, segundo Jacques (2003), os situacionistas desenvolveram a psicogeografia e a deriva como métodos interligados para explorar e construir ambientes urbanos. A psicogeografia examinava como o ambiente, planejado ou não, influenciava o comportamento emocional dos indivíduos, enquanto a deriva como prática experimental envolvia a exploração sem rumo de diferentes ambientes urbanos. A deriva não era apenas uma técnica artística, mas uma forma de inserção do espaço urbano, permitindo que os participantes vivessem e mapeassem suas emoções desencadeadas pelo ato de caminhar na cidade. Como aponta Jacques (2003), para os situacionistas, a forma urbana deveria emer-

gir da participação ativa dos cidadãos, algo que só seria alcançado por meio de uma revolução na vida cotidiana.

É importante ressaltar que muitas práticas que nasceram do desejo de transgressão acabam caindo numa armadilha do capital, uma vez que o sistema capitalista é projetado para neutralizar essas ações. Portanto, é crucial insistir em práticas artísticas que ativem desvios e outros modos de viver, resgatando a conexão com os espaços e as possibilidades de transformação que tais práticas podem nos oferecer.

A partir dessa perspectiva surgiu a questão: como provocar desvios em uma sociedade sujeita ao cansaço, devido à lógica produtivista do capitalismo? A série de oito lambes, intitulada *Um convite ao desvio* (2024), nasce a partir dessa inquietação. Ailton Krenak, ativista indígena, escritor e importantíssimo pensador brasileiro, em seu livro *A vida não é útil* (2020a), aponta que "temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver" (Krenak, 2020a, p. 24). Considero a sugestão apontada por Krenak extremamente necessária. O sistema propaga o desenvolvimento e o progresso, entretanto, nesse contexto, desenvolver torna-se sinônimo¹ de devastar, explorar, dominar. Diante deste cenário, a melhor maneira de atuar contra essa engrenagem é conectar-se, envolver-se, constituir uma comunidade ao invés de reduzir-se à condição de consumidor.

A série de lambes *Um convite ao desvio* (2024) foi espalhada pela cidade de Rio Grande (Rio Grande do Sul), no extremo Sul do Brasil. Os cartazes em tamanho A3 foram criados em tons terrosos: marrom, laranja, vermelho, rosa e branco. A produção dos lambes teve início durante um período catártico causado pelas condições climáticas² que atingiram o Estado do Rio Grande do Sul nos meses de abril e maio de 2024. Compreendo que, nesse contexto, há um projeto que desconsidera a emergência climática, um projeto que não entende a natureza como um todo, tendo em vista que a crise ambiental é consequência direta do capitalismo e da exploração.

¹ Aqui escrevo em uma ótica capitalista.

² Em abril e maio de 2024, enchentes históricas atingiram mais de 90% do Rio Grande do Sul, expondo tanto a intensificação dos eventos climáticos extremos quanto a vulnerabilidade urbana e a negligência histórica no cuidado com o território.

Nesse sentido, o próprio processo artístico passou a se constituir como um espaço de elaboração das inquietações que emergiram diante desse cenário. Compreender a metodologia em arte implica reconhecer que o processo artístico também produz conhecimento; assim, a pesquisa em artes não se organiza a partir de percursos totalmente lineares, mas por movimentos de aproximação e atravessamentos. Conforme aponta a artista Sandra Rey (2002, p. 127), “para a pesquisa, muito mais importante do que achar respostas, é saber colocar questões”. A autora ainda afirma que a pesquisa em arte se desenvolve entre “o pensamento estruturado da consciência e um afrouxamento das estruturas inconscientes” (Rey, 2002, p. 12), articulando reflexão crítica, experiência e criação. Nessa perspectiva, o processo de construção dos lambes, das intervenções urbanas e das imagens que atravessam esta escrita constitui também um modo de investigar e elaborar questões sobre o cotidiano, o cansaço e as possibilidades de desvio. Como sugere Jean Lancry (2002, p. 18), a pesquisa em arte começa “pelo meio”: no interior da prática, da experiência e dos encontros que emergem ao longo do percurso.

“A ecologia nasceu da preocupação com o fato de que o que buscamos na natureza é finito, mas o nosso desejo é infinito, e, se o nosso desejo não tem limite, então vamos comer este planeta todo” (Krenak, 2020a, p. 97). Devido a exploração constante de nossos corpos e do planeta, a crise ambiental chega como um sintoma de que algo na maneira como vivemos precisa mudar. O que me interessa aqui é, justamente, essa noção que temos entre a nossa vida e o entorno.

Mauro Grün (2012), em *Ética e educação ambiental: a conexão necessária*, nos auxilia a compreender esse pensamento ao afirmar que a virada de chave da sociedade em relação ao tempo, esse que era somente de Deus, surge quando o tempo passa também a ser do Homem. Assim, com o comércio, o tempo passa a ser dinheiro. A natureza não tem mais seu próprio tempo. Nesse contexto, emergem saberes transmitidos no cotidiano sobre os ciclos da natureza, como o conhecimento acerca das épocas de plantio, colheita e cultivo de alimentos e temperos. Acostumados à lógica da disponibilidade imediata, muitas vezes esquecemos o percurso da vida: plantar, regar, cuidar e colher, respeitando o tempo da natureza e o ciclo da vida. Krenak (2020a), aponta que, quando o mundo estiver devastado, vamos entender que não podemos comer dinheiro.

Em uma encantadora passagem do livro *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior — que narra a vida de uma família no sertão baiano em uma comunidade quilombola, acompanhando de perto o cotidiano de duas irmãs que crescem em uma fazenda em meados do século XX — encontro, como em um feliz acaso, conexões com as questões aqui discutidas. Nessa passagem, a personagem Belonísia, uma das irmãs, recorda os ensinamentos transmitidos por seu pai sobre a vida, revelando uma sabedoria ancestral profundamente conectada à natureza:

Aprendia sobre as nuvens, quando haveria ou não chuva, sobre as mudanças secretas que o céu e a terra viviam. Aprendia que tudo estava em movimento (...) Meu pai olhava para mim e dizia: "O vento não sopra, ele é a própria viração", e tudo aquilo fazia sentido. "Se o ar não se movimenta, não tem vento, se a gente não se movimenta, não tem vida", ele tentava me ensinar. Atento ao movimento dos animais, dos insetos, das plantas, alumbrava meu horizonte quando me fazia sentir no corpo as lições que a natureza havia lhe dado. Meu pai não tinha letra, nem matemática, mas conhecia as fases da lua (Vieira, 2019, p. 99).

O relato do livro traz à tona uma forma de conhecimento que se fundamenta na observação atenta do mundo e na experiência vivida, apontando para um modo de existência que reconhece o movimento como condição essencial da vida e reafirma a indissociável relação entre os seres e o meio.

Grün evidencia a relação que estabelecemos ao nos desvincularmos da natureza: "A questão é simples: Como posso dominar alguma coisa da qual faço parte? A resposta é que não posso; consequentemente, não posso fazer parte da natureza. Se pretendo dominá-la, preciso me situar fora dela" (2012, p. 36). Ou seja, para dominar a natureza deixamos de pertencer a ela, com isso, a natureza é objetificada. Entre as diversas consequências que são fruto desse pensamento, está a perda de significado em relação à vida. Se hoje tudo é feito em nome do lucro, é porque não nos vemos como parte da natureza. E agora, quem paga a conta?

É importante considerar que essa conta não pode ser direcionada a todos indiscriminadamente, não sejamos injustos. A desvinculação

da natureza articulada ao capitalismo não se sustenta em uma ação coletiva e difusa, mas sim por conta do poder concentrado em grandes empresas e em uma pequena parcela da população que, com suas fortunas, financia e perpetua esse sistema. A fatura, portanto, tem endereço certo, e assumir essa responsabilização é crucial para que o debate não se dilua em generalizações. A exploração do meio e de nossos corpos atende aos interesses de poucos, enquanto a grande maioria apenas sofre as consequências desse processo.

Grün (2012) afirma que a desvinculação entre nós e a natureza foi fundamental para o início e a sustentação do capitalismo, pois esse modo de vida não seria firmado se nós respeitássemos o tempo da natureza e o que ela pode nos proporcionar, se nos víssemos como parte dela, sem a ideia perversa de ambição e dominação.



Figura 1. Olívia Godoy Collares: *Já olhou pra paisagem hoje?* e *Pare e observe a sua volta* [registro], 2024. Lambe-lambe. Fonte: acervo da autora.

Assim, as frases impressas nos lambes se movimentam nessa direção. Os lambes (figura 1) que carregam as colocações “*Já olhou pra paisagem hoje?*” e “*Pare e observe a sua volta*” buscam provocar um desvio em relação ao corpo transitante e o espaço transitado. Dessa maneira, os cartazes operam como formas visuais que interrompem momentaneamente o fluxo cotidiano da cidade. As cores terrosas, o contraste das palavras e a presença gráfica do lambe no espaço urbano instauram pequenas rupturas na paisagem, criando interferências visuais que convocam o olhar e tensionam a experiência apressada do cotidiano. Entendendo a experiência corporal na cidade

como possibilidade de microrresistências ou desvios da lógica espetacular parece ser um importante passo para se instaurar um debate que contribua para atualizar os modos de formulação da cidade, cultura e arte contemporâneas, pelo redesenho de suas condições participativas na elaboração do espaço público contemporâneo (Britto, Jacques, 2012, p. 14).

O conceito de *corpografia urbana*³ estabelece relações estreitas com a desvinculação da natureza, partindo da noção dos corpos e da cidade. Esse debate se estrutura na crítica do projeto urbano vertical, que pressupõe a natureza como um lugar distinto. O encontro com os lambes na rua possibilita que uma nova relação seja despertada nem que seja por um breve período, com aquele espaço, com aquela paisagem.

Krenak, em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2020b), aponta que, com o desenvolvimento das tecnologias que nos permitem viajar de um lugar para o outro, se torna fácil a movimentação pelo planeta. Por outro lado, essas facilidades vêm acompanhadas por uma perda de sentido dos nossos deslocamentos. Portanto, tendo em vista que até mesmo nossa percepção sobre o deslocamento é afetada pelo capitalismo, criar situações de presença e de desvios no espaço da cidade me parece pertinente. Em uma bonita passagem do mesmo livro, Krenak faz

3 A cidade é percebida pelo corpo através de diversas relações, portanto, não é apenas um espaço físico, mas um lugar onde ocorrem interações entre o corpo e o ambiente. Essa interação configura uma “corpografia urbana”, isto é, uma cartografia corporal.

um apelo: “já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas poéticas sobre a existência” (2020b, p. 32-33).

Diante das enchentes que assolaram o estado, emergiu um sentimento de culpa por estar em segurança, sob uma lógica produtivista, achamos que precisamos gerir nosso sofrimento para que ele seja o mais produtivo possível. Se sentir culpado por estar seguro e descansar está diretamente ligado a essa forma de organização capitalista.

Conforme o estado foi se recuperando e as cidades retomando seu fluxo, notei um significativo movimento de pichações e manifestações acerca do ocorrido. “*Haverá futuro?*” foi a pergunta estampada em um muro, num dos registros que vi no Instagram. A iniciativa de colocar os lambes na cidade parte de uma tentativa de alcançar as pessoas para além do cubo branco, ocupando os espaços públicos. Assim como a pichação, o lambe surge como uma potente ferramenta para espalhar mensagens pelas ruas, rompendo com o circuito da arte de museu e galeria, e alcançando quem nem sempre frequenta esses espaços.

Os lambes foram colados em dois momentos na cidade de Rio Grande (RS), seguindo trajetos bastante semelhantes. Os locais escolhidos para a colagem são áreas de grande circulação, como praças, feiras, ciclovias e pista de skate. “E, quando eu percebo que sozinho não faço a diferença, me abro para outras perspectivas. É dessa afetação pelos outros que pode sair uma outra compreensão sobre a vida na Terra” (Krenak, 2020a, p. 104). É importante um pensar coletivo e afetivo, para que possamos refletir juntos uma forma de coexistir nesse mundo.

A partir das leituras de *A sociedade do cansaço* (2017) e *Vita contemplativa ou sobre a inatividade* (2023), de Byung-Chul Han, professor e filósofo coreano, entendo que é fundamental compreender que a ruptura desse modo de vida que nos esgota mentalmente deve ser uma luta de todos. Han defende que a sociedade atual é uma sociedade do desempenho, consequentemente uma sociedade do cansaço. “O cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando” (Han, 2017, p. 71).

Han (2017) nos aponta que, a fim de acelerar o “progresso”, o sistema capitalista mudou a forma de exploração estranha para uma

auto exploração. Assim, nós somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor. Essa organização de desempenho nos força a produzir cada vez mais, sem que seja possível alcançar um ponto de repouso e gratificação. Isso gera um sentimento de carência e culpa constantes, por estar concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo, até sucumbir. “Sofre um colapso psíquico, que se chama de burnout (esgotamento). O sujeito do desempenho se realiza na morte. Realizar-se e autodestruir-se, aqui, coincidem” (Han, 2017, p. 85-86).

Ainda, o autor nos esclarece que a auto exploração é mais eficiente e muito mais produtiva que a exploração estranha, pois caminha lado a lado com o sentimento de liberdade. Essa ilusão nutre um entendimento de sujeito livre. Aqui, podemos pensar que esse movimento se assemelha ao que é colocado por Grün, sobre a desvinculação do sujeito com a natureza para que possamos dominá-la. Ora, se para dominar a natureza foi preciso nos reconhecer à parte dela, então para nos auto dominarmos e vigiarmos há um rompimento e uma desconexão de nós mesmos. Considero que essa desconexão do ser configura em um desprendimento em relação à vida, ao meio e à coletividade. Ao abordar este ponto, é possível entender a perversidade de uma estrutura que explora nossos corpos e nosso entendimento de vivência.

Han esclarece que a falta de ser também se deve ao processo econômico,

que isola as pessoas cada vez mais umas das outras. Isolamento e solidão levam a uma falta de ser, pois ser é ser-com. No regime neoliberal, não se forma nenhum nós. O regime neoliberal eleva a produtividade ao isolar os seres humanos e lança-los em uma competição brutal. Ele transforma a vida em uma batalha por sobrevivência, em um inferno da concorrência desenfreada (Han, 2023, p. 93).

Ser é com. O afastamento da comunidade e das atividades coletivas, especialmente em contextos marcados pela competição, nos faz cada vez mais solitários. Han (2023) entende que a falta de “ser” desencadeia um excesso de produção, e essa hiperatividade e hipercomunicação podem ser consequência direta disso — com o crescimento mate-

rial, se contrapõe essa ausência, ou seja, produzimos mais em carência dessa falta. Com isso, desencadeia um acúmulo de incertezas, opiniões e consumismo desenfreados.

No artigo *A festa como modo de existir e resistir ao lazer colonizado* (2023), escrito pelas professoras doutoras Cristiane Brito, Raquel Borges e Cláudia Monteiro, é discutida a noção de que o lazer está interligado à meritocracia. Para as autoras,

o cumprimento do dever acima do desfrute da vida é um paradigma que ancora a educação pelo e para o lazer numa educação colonizadora, mesmo quando tende a ser cooperativa, pois educa para o lazer apesar do trabalho, para a competência em cooperar apesar da necessidade em ser competente em competir, reafirmando que o lazer é educativo à medida que a educação para o (mercado de) trabalho esteja consolidada (Brito; Borges; Monteiro, 2023, p. 63-64).

Assim, o descanso está relacionado à lógica do merecimento, preso a um pensamento produtivista e colonizador. Para ser merecedor é preciso competir e cooperar. Em um modo compensatório, nos é concedido um tempo livre, que nada mais é do que um fôlego, uma pausa entre um trabalho e outro, ainda assim somos induzidos a utilizar o *"tempo livre"* para a qualificação, como cursos e atividades extracurriculares para aperfeiçoamento da nossa capacidade (não podemos esquecer que estamos constantemente competindo com nós mesmos).

A criação dos lambes que carregam as perguntas *Quem é o dono do nosso tempo?* e *Por que nos sentimos culpados em descansar?* evidencia essas questões (figura 2). Esse tema revela compreensões sobre o tempo, assim como os conflitos e angústias envolvidos na tentativa de habitá-lo para além de uma lógica utilitarista.

Colado em uma estrutura de sombra, um local propício para descansar e se sentar ao redor, a escolha do espaço para colar o lambe *Quando começamos a achar normal estarmos sempre cansados?* não foi por acaso. Esse espaço foi escolhido pois é frequentemente utilizado como um lugar de pausa por trabalhadores, com isso, a mensagem chega diretamente nas pessoas que estão mais sujeitas ao cansaço e à sobrecarga do trabalho (figura 3).



Figura 2. Olívia Godoy Collares: *Quem é o dono do nosso tempo?* e *Por que nos sentimos culpados em descansar?* [registro], 2024. Lambe-lambe. Fonte: acervo da autora.



Figura 3. Olívia Godoy Collares: *Quando começamos a achar normal estarmos sempre cansados?* [registro], 2024. Lambe-lambe. Fonte: acervo da autora.

Este mesmo local foi escolhido para a colagem de outro lambe, após passarem alguns meses. Nesse intervalo entre uma intervenção urbana⁴ e outra, foi instaurado, com bastante entusiasmo, o debate sobre a escala de trabalho 6x1 no Brasil. A discussão sobre o fim dessa jornada, seis dias de trabalho para um de descanso, tem crescido no país como uma pauta importante pela dignidade.

A naturalização desse modelo esconde um sistema exaustivo que retira da classe trabalhadora o direito ao descanso, ao cotidiano de qualidade e à convivência com seus afetos. Como afirma a jornalista brasileira Joanne Mota (2023), essa jornada, quando vista sob o olhar das desigualdades estruturais, revela a face de um sistema capitalista, patriarcal e racista que se sustenta à base da exploração.

Nesse contexto surgiu o Movimento Vida Além do Trabalho (VAT), criado em 2023 por Rick Azevedo, um trabalhador do comércio que viralizou ao expor a rotina desgastante da escala 6x1. Desde então, o movimento cresceu e passou a defender a proposta de uma jornada 4x3, com quatro dias de trabalho e três de descanso, sem redução de salário. A pauta chegou até o Congresso através de uma PEC apresentada pela deputada Erika Hilton.

⁴ Chamo de intervenção urbana a ação de colar os lambes pela cidade. Realizei duas intervenções, com aproximadamente dez cartazes colados em cada uma delas.

Mota (2023), nos aponta que lutar contra a jornada 6x1 é também lutar por tempo: tempo para o cuidado, para o descanso, para o lazer e para a vida. É reconhecer que as mulheres, sobretudo as negras, vivem uma sobrecarga histórica, enfrentando jornadas duplas ou triplas que as colocam num ciclo contínuo de trabalho sem pausa. André Cardoso (2023), militante do Movimento Brasil Popular, assegura que essa luta tem força para unir diferentes movimentos e quebrar o isolamento que marca a vida da classe trabalhadora hoje. Ao defender o direito ao tempo, o VAT propõe uma reorganização da vida coletiva e um novo jeito de pensar o futuro.

Conforme Han (2023), "Se hoje nenhuma revolução parece mais ser possível, talvez isso seja porque não temos tempo para pensar" (Han, 2023, p. 39). Dessa forma, o modo de vida exploratório, no qual o trabalho gera uma sobrecarga, impede que tenhamos tempo para nos enxergar como cidadãos pertencentes a esse mundo.

No artigo *A precarização do trabalho no contexto neoliberal: impactos na saúde mental* (2021), escrito por Felipe Piobelo, discente de psicologia, e por Daniela Mota, doutora em psicologia, esclarece que "a dinâmica do capitalismo, o funcionamento do neoliberalismo e a precarização do trabalho está intimamente ligada a questões subjetivas, identitárias e existenciais, afetando diretamente a saúde mental do trabalhador" (Piobelo; Mota, 2021, p. 108).

Retomando o debate sobre a meritocracia, segundo os autores (2021), essa mistificação promovida pela lógica neoliberal sustenta a ideia de que cada sujeito é capaz de conquistar seu espaço e seu sucesso individualmente, mesmo diante de existências e contextos totalmente desiguais. Colocar o trabalhador como único responsável pela sua empregabilidade joga sua existência, ou melhor dizendo, sua sobrevivência, em direção a uma culpa individualizada. Ainda, os autores (2021) destacam o distanciamento entre as práticas organizacionais contemporâneas e os direitos sociais historicamente conquistados pelos trabalhadores. Nesse contexto, a flexibilização das relações de trabalho e a precarização das condições laborais contribuem para a fragilização desses direitos, favorecendo processos de adoecimento físico e mental. Além disso, a intensificação da competitividade tende a enfraquecer a confiança, a solidariedade e os vínculos coletivos entre os trabalhadores.

Krenak e Han também apontam essa individualização e exclusão, pois com a perda da coletividade e a falta de movimentos sociais e de luta pelos direitos, o sindicato é enfraquecido e o trabalhador se vê sozinho, tendo que se submeter a diversos abusos e violências. Assim,

[...] o capital, em sua lógica destrutiva, não reconhece nenhuma barreira para a precarização do trabalho. A força de trabalho é explorada sem limites e é (mais) uma expressão das condições estruturais desse modelo econômico, onde, ao mesmo tempo em que o trabalho vivo não pode ser exterminado para sua forma de reprodução, é necessário explorá-lo ao extremo, impondo o viés mais profundo de sua mercantilização: abrevia-se seu tempo de uso como resultante do aprofundamento, pelo adoecimento, de sua característica de mercadoria de alta descartabilidade (Piobelo; Mota, 2021, p. 121).

Nessa perspectiva, podemos afirmar que o trabalhador é usado até sucumbir e depois descartado, pois existem inúmeras pessoas procurando por emprego — pessoas desempregadas ou em situação de vulnerabilidade, prontas para ocupar esse lugar, muitas vezes por necessidade de sobrevivência. E, logo, podem ser substituídos como máquinas. Dado isso, o lambe *Escala 6x1 adoece nossa vida!* nasce como uma denúncia a todas essas vivências submetidas à organização capitalista e que devastam nossa condição de ser e estar no mundo. Quando colado, pude observar outro lambe (figura 4) que, pelos vestígios, me parecia já estar há uns meses por ali, e também trazia a pauta sobre o fim da escala 6x1.

Uma vida que não possui nada além do trabalho é um modo de viver eternamente colonizado e à serviço do próprio modelo que nos aprisiona. “O pensamento vazio dos brancos não consegue conviver com a ideia de viver à toa no mundo, acham que o trabalho é a razão da existência. Eles escravizaram tanto os outros que agora precisam escravizar a si mesmos” (Krenak, 2020a, p. 113).

O lambe *Quero ser inútil ao sistema que me adoece* (figura 5) tem inspiração em Krenak. Acho interessante a forma como Krenak fala sobre a vida e a simplicidade que carrega em sua fala. Conforme o autor, “A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a

ela, mas isso é uma besteira" (2020a, p. 108). Essa reflexão repousa na mais pura vontade de ser. Han (2023) complementa que a verdadeira felicidade se deve ao que é vão e inútil, profuso, improdutivo. Desviante.



Figura 4. Olívia Godoy Collares: *Escala 6x1 adoce nossa vida!* [registro], 2024. Lambe-lambe.
Fonte: acervo da autora.



Figura 5. Olívia Godoy Collares: *Quero ser inútil ao sistema que me adoecce* [registro], 2024. Lambe-lambe. Fonte: acervo da autora.

A segunda intervenção urbana foi motivada por uma mostra cuja temática propunha refletir sobre *imagens para adiar o fim do mundo*. A proposta dialogava com as questões discutidas ao longo da pesquisa, especialmente pela possibilidade de pensar outras formas de habitar o mundo. Nesse percurso, os ensinamentos de Ailton Krenak aparecem como importantes orientações para imaginar modos de existência que resistam às lógicas de devastação. Durante a realização da intervenção, também foram produzidos registros audiovisuais das colagens pela cidade, que posteriormente deram origem a uma videoarte. Enquanto as colagens eram realizadas no espaço urbano, as ações foram registradas em vídeo por um colaborador. A videoarte resultante, intitulada *A cidade fala*, foi posteriormente selecionada para exibição da mostra audiovisual em 2024.

A cidade fala (2024) se apoia nas discussões estabelecidas até aqui. A videoarte reúne a intervenção urbana e, nesse movimento de colagem dos lambes pelas ruas, é como se a cidade ganhasse corpo, olhos e voz. Ela fala por meio das pichações, dos lambes, dos caminhos que, em meio a terrenos marcados por inúmeros passos — forjados pelo percurso da vida —, se tornam trilhas, dos bancos assinados com nomes e declarações, e pela vida que ali atravessa, fazendo da cidade uma parte de nós, fazendo da cidade corpo.

O lambe (figura 6) ao qual dedico atenção agora encerra a série composta por oito cartazes. *Reserve um momento pra ficar perdendo tempo fazendo o que se gosta* é uma provocação a se demorar no descanso, um convite para os desejos mais inúteis, os desejos que vem da alma. Como se, ao reservar um momento para perder tempo, fosse possível criar um elo, uma reconexão com o próprio ser. O que esse corpo, que é meu, deseja? Vejam bem: não é o que esperam de mim, não é um corpo que serve, não é um corpo corrompido, mas um corpo que goza. Trata-se de perder tempo naquilo que nutre, que embriaga esse corpo de vida, que o faz querer pelo simples querer.



Figura 6. Olívia Godoy Collares: *Reserve um momento pra ficar perdendo tempo fazendo o que se gosta* [registro], 2024. Lambe-lambe. Fonte: acervo da autora.

Na intervenção *Perca Tempo*, realizada em 2010, o Grupo Poro⁵, formado pelos artistas Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada, nos traz maneiras provocativas para perdemos tempo (figura 7). Durante a ação, uma faixa era aberta nos cruzamentos quando o sinal de trânsito estava vermelho, enquanto pessoas distribuíam panfletos com a mensagem "Perca Tempo". Em uma banca de informações, entregavam folhetos contendo "10 maneiras incríveis de perder tempo" e "+10 maneiras incríveis de perder tempo". Os artistas participantes usavam um broche preso à roupa com os dizeres: "Perca tempo. Pergunte-me como".

Procurar desenhos em nuvens; tomar chuva; observar como a luz muda durante o dia; ficar cozinhando durante horas; foram algumas das sugestões para "perder tempo" que o grupo apresentou nos folhetos. Ao interagir diretamente com o espaço urbano e a comunidade, os artistas se inserem na rotina cotidiana das pessoas, escolhendo lugares estratégicos como os semáforos, onde os transeuntes inevitavelmente são forçados a parar, provocando uma ruptura no fluxo habitual da vida urbana e introduzindo uma reflexão sobre o uso e a percepção do tempo.

A distribuição dos panfletos com sugestões lúdicas para "perder tempo" atua como um convite à desaceleração, rompendo com a rigidez da rotina atual que valoriza, acima de tudo, a produtividade. Ao propor ações que poderiam ser vistas como fúteis ou sem propósito, os artistas desafiam a ideia de que nossa vida deve ser dedicada a atividades que contribuam para alimentar o sistema capitalista. A intervenção não só desafia a obsessão contemporânea pelo desempenho, mas também abre espaço para a contemplação e o ócio criativo, elementos essenciais para uma vida significativa.

A concepção de que estamos perdendo tempo, e quais atividades e ações são configuradas como perda de tempo, refletem sobre uma noção de sociedade que percebe a vida como algo útil. Se não estamos contribuindo para o sistema, então supostamente estamos desperdiçando nosso tempo e ficando para trás nessa corrida incessante contra nós mesmos. Essa visão utilitarista da existência, na qual o tempo ocioso é visto como algo a ser evitado, nos desumaniza.

⁵ A dupla que idealiza o Grupo Poro atua em conjunto desde 2002, realizando intervenções urbanas e ações efêmeras que buscam levantar questões sobre os problemas das cidades por meio de uma ocupação poética e crítica dos espaços.



Figura 7. Poro: *Perca tempo*, 2010. Intervenção urbana.
 Fonte: <https://poro.redezero.org/intervencao/perca-tempo/>

Uma vida cujo sentido é colonizado pelo utilitarismo, pelo produtivismo e pela busca incessante pelo lucro desconhece a pausa, a vivência do cotidiano, a vagareza. Entre as bonitezas da vida, considero importante compartilhar um poema escrito por Nêgo Bispo, filósofo, professor, líder quilombola e ativista político brasileiro que, recentemente, em 2023, partiu deste plano. Suas palavras me alcançaram como uma luz, convidando a refletir sobre minhas próprias vontades e motivações.

“Quando nós falamos tagarelando
 E escrevemos mal ortografado
 Quando nós cantamos desafinando
 E dançamos descompassado
 Quando nós pintamos borrando
 E desenhamos enviesado
 Não é por que estamos errando
 É porque não fomos colonizados”
 (Bispo, 2020, 15min15s).

O poema de Bispo me toca em um lugar particular. Essa escrita ganha fôlego e corpo à medida que meu desejo cresce em ver meus afetos vivendo, para além de sobreviver. E nesse tecido da vida, o meu desejo mais querido e sonhado é assumir, com plena consciência, o direito de sermos donos do nosso tempo. E que todo esse tempo que nos foi roubado, sequestrado e devastado sirva como combustível para celebrar.

Muitas vezes, enquanto escrevo, um medo envolve o meu desejo de continuar: cair em um abismo, perder a esperança como quem corrói aos poucos. Para isso, recorro mais uma vez às palavras de Krenak, segundo o autor,

“nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida; isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar” (2020b, p. 26-27).

Krenak prossegue, apontando que existem inúmeras constelações de gente espalhadas pelo mundo afora — gente que canta, dança, faz chover — e que o tipo de humanidade zumbi que somos convocados a viver não integra tanta fruição da vida. Aqui cabe um ponto vital, ao qual peço devida atenção: nos vendem o fim do mundo como uma estratégia para fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos.

Acredito que a menção da pichação *Haverá futuro?*, trazida no início desta escrita, pode ocupar esse lugar. A frase ecoa um pensamento em comum: a incerteza latente sobre o futuro. Se não houver futuro, não há porque lutar, pensamento gerado por um projeto que visa a falta de esperança. Diante disso, busco não retroalimentar esse desgaste da esperança. Que a compreensão do fim do mundo não aflore em desespero, e sim em um desejo mais profundo de viver.

REFERÊNCIAS

BISPO, Nêgo. **Nêgo Bispo**: vida, memória e aprendizado quilombola. Fundação Itaú para Educação e Cultura, 2020. 1 vídeo (15 min 54 s). Publicado no YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/gLo9ZNdgJxw?list=PL-GWBxQ8w2YF4KpZjDxFRMYFsYEzTkPDey>. Acesso em: 05 fev. 2026.

BRITO, C.; BORGES, R.; MONTEIRO, C. A festa como modo de existir e resistir ao lazer colonizado. **Argumentos**, v. 20, n. 1, jan./jun. 2023. Departamento de Ciências Sociais, Unimontes-MG. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/6549>. Acesso em: 07 fev. 2026.

BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. Corpo e cidade: coimplicações em processo. **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1-2, p. 142-155, 2012. DOI: 10.35699/2316-770X.2012.2716. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2716>. Acesso em: 05 fev. 2026.

CARDOSO, André. A luta contra a escala 6x1 e a centralidade do tempo na vida da classe trabalhadora. **Movimento Brasil Popular**, 12 jul. 2023. Disponível em: <https://brasilpopular.org/artigo-fim-da-escala-6x1-e-luta-historica-dos-trabalhadores-contr-a-exploracao/>. Acesso em: 05 fev. 2026.

CASTRO, Laura. **Não há desvio sobre o vazio**: a produção do espaço pela desvalorização, atualização e transformação de elementos existentes. Risco: revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo. Instituto de arquitetura e urbanismo- IAU-USP. Volume v20 - Edição Temática "Situacionistas", 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/risco/issue/view/12491/2298>> Acesso em: 09 fev. 2026.

GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental**: a conexão necessária. São Paulo: Papyrus, 2012.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. ampl. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa**: ou sobre a inatividade. Tradu-

ção de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2023.

JACQUES, Paola. **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade / Internacional Situacionista. Tradução de Estela dos Santos Abreu - Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

LANCRI, Jean. **Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. (Coleção Visualidade; 4.). Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/206759?locale-attribute=en>> Acesso em: 05 fev. 2026.

MOTA, Joanne. Pelo fim da escala 6x1 e pelo direito de amar e mudar as coisas. **Portal Vermelho**, 8 jul. 2023. Disponível em: <https://vermelho.org.br/coluna/pelo-fim-da-escala-6x1-e-pelo-direito-de-amar-e-mudar-as-coisas/>. Acesso em: 18 fev. 2026.

PIOBELO, Felipe Peixoto; MOTA, Daniela Cristina Belchior. A precarização do trabalho no contexto neoliberal: impactos na saúde mental. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 107-125, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/3167/2167>. Acesso em: 05 fev. 2026.

REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. (Coleção Visualidade; 4.). Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/206759?locale-attribute=en>> Acesso em: 16 fev. 2026.

VIEIRA, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

Olívia Godoy Collares é artista visual, ceramista, educadora e pesquisadora, natural de Rio Grande/RS. É bacharela em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG e Mestra em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas (PPGArtes/UFPel). Sua pesquisa e produção artística transitam por diferentes linguagens da arte contemporânea, com foco em arte pública, cotidiano, memória, corpo e território.

Email: oliviagodoyy@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3498-0484>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5557310535964332>

Sophia Hiriart Porto Alegre é graduada em Artes Visuais Bacharelado - FURG. Graduanda em Artes Visuais Licenciatura - FURG. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - FURG, bolsista de mestrado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Email: sophia.hpoa2@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1143-7385>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5891988762674709>

Artigo recebido em 12.03.2026. Aceito em 18.06.2026.

